



TAGARELICES DA SR.^a MARIA

— Vamos hoje à história do Alcaide de Coimbra — declarou a Sr.^a Maria, sentando-se na sua cadeirinha baixa, com os olhos acavalados no nariz.

— Que é isso de Alcaide, Sr.^a Maria, — perguntou Vera.

— É como quem dizia procurador. Naqueles tempos reinava em Portugal um rei chamado...

— D. Sancho II! — exclamou José Manuel.

— E esse rei — continuou a velhota — vinha a ser neto de D. Afonso Henriques.

— Os reis antigos nunca tinham nomes como nós temos? — perguntou Alicinha.

— Que patetinha! — troçou José Manuel — Então não te lembras de D. Pedro, D. João, D. Manuel, D. José...

— Basta, basta, menino: vamos ao que importa — cortou a Sr.^a Maria — Reinava, pois, na nossa terra D. Sancho II, um rei muito infeliz a quem não faltaram desgostos. E para juntar maior tristeza aos desgostos que já tinha lembrou-se o irmão, que se chamava Afonso, de se meter às bulhas com ele: e bulhas foram elas que D. Sancho viu-se abandonado de todos e retirou-se para Espanha, para uma cidade chamada Toledo.

— Meu pai já lá esteve — declarou Maria Domingas.

— Não vem nada para o caso — observou Ana Rita.

— E porque eram essas brigas entre os irmãos? — perguntou Alicinha.

— Por muitas e muitas razões. Embora D. Sancho II fôsse um valentão como tinha sido o pai e o avô, e batalhasse contra os mouros como eles, talvez não tivesse jeito para governar, nem a autoridade que devia ter. E o irmão Afonso, que era inteligentíssimo e tinha casado com uma condessa francesa esperta como um alho, começou a fazer intrigas para ver se tomava o lugar de D. Sancho no trono.

— Partou-se de ser antipático — declarou Maria Joana.

— A menina bem vê que os reis têm de pensar sempre mais nos interesses das terras que Nosso Senhor lhes entregou para governarem do que lá nos seus gostos e nas suas idéias deles. É esse mano de D. Sancho, que depois se chamou D. Afonso III, via a Nação a cair num grande sarilho! Ninguém se entendia, e o pobre rei, que demais a mais andava apalxonado por uma senhora espanhola com quem casou...

— E que não prestava para nada — comentou José Manuel.

— D. Meia Lopes de Haro — disse Ana Rita.

— Que sabichões!! — suspirou Vera.

A Sr.^a Maria continuou:

— O que é certo é que D. Afonso, irmão de D. Sancho II, não quis saber de mais nada: tomou conta do governo logo que viu o mano em Toledo e todos os governadores, a alcaides, lhe vieram entregar as chaves das cidades.

PAGINA DAS LUSITAS

Por MARIA PAULA DE AZEVEDO

— Então as cidades fechavam-se à chave? — perguntou Margarida.

— A menina esquece tudo! Então as portas do castelo de Lisboa, não se lembra? — perguntou José Manuel.

— Que até o Martim Moniz se atravessou numa delas — disse Maria Domingas.

— Mas Martim de Freitas, que era alcaide de Coimbra, guardava as suas chaves muito bem guardadas — continuou a velhota — E declarou alto e bom som, que só as entregaria ao seu rei D. Sancho, visto que da sua mão as recebera!

— Fazia muito bem — exclamaram alguns.

— Mas daí a pouco tempo, roidinho de desgostos por se ver abandonado, o pobre D. Sancho II morria em Toledo: e como não tinha filhos foi proclamado rei o irmão, D. Afonso III o Bolo-nhez.

— Agora já o alcaide lhe podia dar as chaves — observou Alicinha.

— Pois não as queria dar, fiquem os meninos sabendo! Resolveu meter-se a caminho de Toledo e ir lá, ver com os seus próprios olhos, se o seu rei estava morto ou não.

— Mas o rei já devia estar no caixão quando ele lá chegou!

— E estava! Martim de Freitas mandou abrir o caixão de D. Sancho II e só então se convenceu que estava morto o seu bom rei! Ajoelhou e chorou e rezou... Depois, pegou nas chaves do Castelo de Coimbra com respeito encaixou-as nas mãos geladas e hirtas do seu rei: e só depois disso é que tornou a pegar nos chavões outra vez.

— E que lhes fez, Sr.^a Maria? — perguntou Vera.

— Foi entregá-las ao novo rei, como era o seu dever: visto que morrera D. Sancho II.

— Se todos os amigos de D. Sancho tivessem sido assim leais, quem sabe se ele nem teria ido morrer a Espanha? — observou José Manuel.

— Lá disse não sei: mas o que sei é o que digo aos meus meninos, é que Martim de Freitas, o alcaide de Coimbra, é um dos homens mais leais que houve em terra portuguesa!

O SEGREDO DE CLARINHA

I

— A que se brinca agora? — perguntou João, que tinha nove anos.

ZECA (irmão mais novo) — Aos ladrões!

QUIM — Isso já não se usa: às touradas!

MARIA AMÉLIA (desdenhosa) — Touradas! Quem é que se importa com touradas?

FERNANDO (indignado) — Importo-me eu! e toda a gente portuguesa como eu!

CLARINHA — Você diz isso porque vive no Ribatejo; mas quem é de Lisboa já gosta mais da bola.

MANUEL JOÃO — Uma boa tourada num dia lindo, com o Nuncio ou o Simõesinho, oh, não há coisa mais linda, Clara! (Manuel João era o mais velho do alegre rancho, e já fizera o 6.º ano do liceu.)

CLARINHA — É bonito, é. E do que mais gosto é de ver a coragem leal dos cavaleiros

portugueses montados nos seus lindos cavalos de raça!

JOÃO — Mas afinal a que é que se brinca? ANGELICA — Podíamos arranjar uma espécie de torneio! Além, no mirante, era a tribuna de honra, com as damas da Idade Média... (Gargalhadas acolheram a idéia).

ANGELICA (melindrada) — Porque riem, patetas?

MANUEL JOÃO — Talvez não saibam o que é a Idade Média.

ANGELICA — É o mais certo. Pois era uma brincadeira divertida, fiquem sabendo. Os cavaleiros do torneio combatiam com grandes lanças...

CLARINHA — Que é das lanças, que é dos cavalos, que é de tudo, Angelica?

ANGELICA — Para isso é que serve a imaginação, Clarinha! Cá em tua casa há baús e baús cheios de coisas antigas, bem sabes! E até armaduras de papelão, do Mário, eu lá vi um dia.

MÁRIO (enjoado) — Está tudo escangalhado. (Clarinha sorriu).

ANGELICA — E as damas da corte, com grandes chapéus de bico...

MARIA AMÉLIA — Talvez seja engraçado.

ZECA — Eu não acho graça nenhuma a esse jogo.

JOÃO — Nem eu.

FERNANDO — Eu gosto porque se parece com touradas.

ANGELICA (explicou) — Vocês os mais pequenos escusam de entrar: ficam a ver o torneio. (esperitada) — Andá, Clarinha, vamos ter com a Perpétua para ela nos dar fatos e coisas: a tua madrastra importa-se? (acrescentou baixinho).

(Uma nuvem escureceu o olhar de Clarinha).

CLARINHA — Talvez... Mas vamos na mesma. E vocês cinco, Maria Amélia, Manuel João, Fernando, Vasco e Mário, venham connosco, sim? Logo se vê o que podemos arranjar.

Era uma casa enorme, aquela. Velho palácio de Alfama, com salões de tectos de madeira, em cujas paredes grandes painéis de azulejos azuis descreviam vidas de santos. O conde, pai de Clarinha, morrera havia anos: pouco tempo depois de ter casado em segundas núpcias com uma senhora da província e de ter nascido Mário. Infelizmente Clarinha, que tinha então quatro anos não gostava da madrastra; e a nova condessa não conseguia dominar aquele génio pouco fácil. Todo o seu amor, aliás, todo o seu carinho, iam para o pequeno Mário: criança loura e linda, mas de índole pouco simpática. Clarinha, de feitio orgulhoso, fechara o seu coração cada vez mais, e não se sentia feliz apesar do luxo que a rodeava.

ANGELICA (gritando) — Perpétua! Perpétua! (entrando à frente do rancho na vasta sala de costura).

A velha Perpétua, sentada no vão da janela a coser roupa, levantou-se, casmurra.

CLARINHA — Vai abrir os baús, queremos fatos e trapalhadas.

PERPÉTUA (receosa) — E a senhora condessa é sabedora?

MÁRIO — Mando eu, pronto.

PERPÉTUA — Será bom o menino ir então perguntar à sua mãezinha.

Mas nesse momento ouviram-se passos perto da porta e a condessa apareceu no limiar.

CLARINHA — Minha mãe, queríamos fatos antigos e coisas para arranjar uma brincadeira.



A CONDESSA — Porque não, minha filha? Perpétua, vá buscar as chaves das arcas.

Que preciosas coisas saíram dos velhos baús! Ali havia de tudo: fatos e rendas, plumas e espadins! E o rancho surgiu daí a horas, equipado para o alegre torneio. Cavaleiros emplumados empunhavam, segurando as suas lanças, escudos de papelão; e as damas de saias roçagantes, as cabeças cobertas de estranhos toucados, instalavam-se na tribuna-mirante com grande ar de dignidade. Até os dois burros do vizinho-hortelão, emprestados para o torneio, pareciam corséis de boa raça, enfeitados e cobertos com colchas de ramagens! Mário, tocando corneta, anunciava as várias partes daquele espectáculo. E foi uma tarde animadíssima, aquela! Os risos ecoavam alegres, pelo grande jardim de outros tempos...

II

A condessa, madrastra de Clarinha, via, com desgosto, que não conseguia fazer-se amar da sua enteada. Clarinha fechava a sua alma por tal forma, que a condessa não conhecia, sequer, os seus pensamentos. Como era injusta a pequena! E, o que era pior, esta estranha maneira de sentir prejudicava a sua educação, isolando-a da boa madrastra, que era uma senhora instruída, capaz de lhe dar lições e conselhos. Uma tarde, no jardim, a condessa chamou Clarinha.

A CONDESSA — Minha filha, tens já treze anos feitos, a tua educação não pode continuar assim.

CLARINHA (casmurra) — Porquê, Mãe? Todos os dias dou lições. CONDESSA (calma) — Não te irrites, Clarinha; só falo pensando no teu bem. E como a responsabilidade da tua educação é minha, vou tomar decisões sobre o assunto.

CLARINHA (curiosa) — O que será?

CONDESSA — Olha, filha, para que vejas bem quanto o meu desejo é ser-te agradável e não te contrariar, dou-te a escolher entre duas soluções...

CLARINHA (impertinente) — E se nenhuma me agrada?

CONDESSA (grave) — A isso não atendo, minha filha: visto que uma delas tem de se fazer. Não podes ficar sem a instrução própria duma senhora.

CLARINHA (amuada) — Mas...

CONDESSA (com energia) — Ouve-me primeiro: depois falarás. Posso meter-te num colégio religioso: o das Irmãs de S. José de Cluny, por exemplo...

CLARINHA — Detesto colégios.

CONDESSA — Por saber isso é que lembro a outra solução: mandar vir para cá uma senhora de quem me falaram, muito fina e instruída, para dirigir a tua educação.

CLARINHA — Detesto mestras estrangeiras.

CONDESSA — Há ótimas e há péssimas, como em tudo. Mas esta senhora de quem me falaram não é estrangeira: é de Lisboa.

(Continua no próximo número)

ERA UMA VEZ...

MATIAS o bondoso

Era uma vez (desculpem-me a repetição, sim?) uma viuva que tinha dois filhos. Costureira modesta, mas muito habilidosa, tinha grande freguesia naquela aldeia; e viviam bem os três, sem tristeza e sem pobreza.

Os dois rapazitos eram gêmeos: Matias e Mateus; andavam na escola da terra e, coitados, lá iam dando boa conta de si com os seus nove anos.

Mas apesar de gêmeos não se pareciam no gênio: Matias era cheio de bondade e Mateus, menos esperto, retilava com o irmão. A bondade de Matias era já tão conhecida que na aldeia chamavam-lhe sempre o bondoso; e a mãe toda se orgulhava daquela alcunha posta ao pequeno. Não consentia ele que se maltratassem os animais; e uma vez que viu Mateus matar uma lagartixa, Matias gritou-lhe:

— Deixa viver o animal! Não te lembras da cantiga que nos ensinaram na Crèche e que cantávamos todos quando éramos pequeninos?

Mateus encançou os olhos, espantado.

— Sim, sim — tornou Matias — diziam assim os versos:

Pobre bicho, pobre bicho,
porque te hei-de fazer mal?
Todos têm direito à vida;
mesmo um pobre animal!

— Há! Há! Há! —riu Mateus; e a própria mãe, sentada à máquina da costura, não pôde deixar de rir. Matias tornou:

— Nunca me esqueci... E quando vou a matar os bichos, logo me vem à ideia a cantiga da Crèche.

— Eu gosto de os matar — declarou Mateus.

— Sou eu! Sou eu! Estou amarrado a um pinheiro!

— Nunca se deve fazer sofrer, nem pessoas, nem nada neste mundo — respondeu Matias.

— Ouve o teu irmão, Mateus — disse a mãe, parando de coser — e segue o que ele diz: tem só bondade no coração, coitado.

Mas Mateus, no mesmo momento, foi apanhar um gafanhoto e arrancou-lhe as asas!

— Ainda um dia hás-de ser castigado! — disse-lhe Matias, com lágrimas nos olhos.

Mateus não era mau: era estúpido; e não acreditava no sofrimento dos bichos.

— Gosto muito do meu gafanhoto — declarou ele, com sossego, mtendo o desgraçado bicho na algibeira — e não quero que ele me fuja!

Havia naquela terra um pobre aleijado chamado Tibúrcio, que levava a vida arrastando-se pelo chão. Pizera-se engraçador, e inspirava a todos o maior dó!

Matias juntava os tostões que podia para lhe dar, falava-lhe com carinho, ajudava-o a atravessar as ruas da aldeia e protegia-o se acaso o rapazito ameaçava tratá-lo mal ou troçá-lo. A gratidão do aleijado era tão grande que tinha por Matias uma verdadeira adoração.

— Se eu pudesse fazê-lo rico, fazia! — dizia o desgraçado às vezes.

— Você nem andar pode! — troçavam os que o ouviam. E outros, com verdadeira crueldade, diziam-lhe:

— Você precisa de todos, criatura! e ninguém precisa de si!

Mas um dia...

A mãe dos gêmeos mandou os filhos a um recado longe, muito longe. Tinham de atravessar a aldeia de lado a lado, meter-se pelo pinhal, e atravessar a ponte para levar um trabalho à outra aldeia do lado de lá do rio.

— Vocês vão cedinho, filhos, e vão os dois. Se daqui saírem de madrugada, ainda antes de romper o sol, podem estar de volta para o jantar do meio dia.

E assim se fez.

Os rapazitos saíram de casa pelas 6 horas, levando cada um a sua trouxa.

Mas depois de entrarem no pinhal o sossego era tão grande, a solidão era tão completa, que sentiam o coração apertado.

E Mateus, cheio de medo, gritou:

— Não vou mais longe; volto para trás.

— A Mãe mandou-nos seguir, Mateus: hás-de vir comigo — respondeu o irmão.

— Vai tu se queeres; aqui fica a minha trouxa — e o malvado Mateus, deixando a trouxa no chão, correu a bom correr deixando Matias sozinho no pinhal solitário.

Que medo sentia o pobre pequeno! Levantara-se um vento frio; e nem os pássaros chilreavam nos altos ramos: era um silêncio triste por toda a parte. Matias seguiu depressa, com as duas trouxas debaixo dos braços; mas o caminho parecia não ter fim!

Finalmente, passadas horas e já cheio de cansaço, viu ao longe a ponte... Já pouco faltava para lá chegar.

Mas quando ele se preparava para des-

PAGINA DAS LUSITAS

por Maria Paula de Azevedo

cançar, sentando-se no chão musgoso, ouviu vozes e uma mão pesada caiu-lhe sobre um ombro: dois homens de má catadura surgiram ao pé dele, interpelando-o rudemente.

— Para onde vais, fedelho?

— Que levás nas trouxas?

Matias levantou-se, indignado, e respondeu:

— Vocemecês não têm nada com isso: vou aonde a minha mãe me mandou ir.

— Larga aí tudo o que levás senão...

— e um deles levantou o braço sobre a cabeça do pobre Matias, enquanto o outro desembulhava as trouxas e tomava conta do fato que continham.

— Amarra-se o garoto a um pinheiro e pronto, toca a marchar — disse um deles, tirando da algibeira uma corda, e começando a prender Matias à árvore mais próxima; sem se importar com as lágrimas ardentes que inundavam a cara do pequeno.

Depressa os ladrões se sumiram pelo pinhal. Que seria do pobre Matias se durante horas ninguém ali passasse? Só Deus podia valer-lhe e foi em Deus que ele pensou, rezando do fundo do seu coração.

Quando Mateus chegara à aldeia estava Tibúrcio acorçado numa esquina, à espera dalgum freguez ou dalguma esmola. E o aleijado perguntou-lhe:

— Onde estás o teu irmão?

Mas Mateus nem lhe respondeu e seguiu correndo. Tibúrcio ficou inquieto, sem saber porquê... E como ia às vezes a casa dos gêmeos receber uma esmolinha da costureira, resolveu arrastar-se até lá e perguntar por Matias.

— A Francisca não está cá — informou-o uma vizinha — e os gêmeos foram de madrugada levar trabalho para lá da ponte.

Tibúrcio ficou cismático... Não vira ele Mateus sozinho? E o caminho para lá da ponte era tão grande... Quem sabe onde estaria Matias... Tibúrcio meteu-se a caminho, arrastando-se devagar, estafado, por vezes, mas cheio de força de vontade. A entrada do pinhal, parou. Teria forças para ir tão longe? Mas lembrou-se da bondade de Matias, do seu carinho, da sua caridade e... foi seguindo. Uma voz forte chamou-o de repente, e uma carrocinha parava.

— Oh desgraçado, para onde vais tu pelo pinhal fora? Vou meter-te na carroça e deixo-te a meio, se quiseres.

Era um trabalhador da aldeia; com verdadeira caridade lá içou Tibúrcio para a carrocinha. Na encruzilhada seguiu o seu caminho e deixou Tibúrcio a meio do pinhal. O aleijado já quasi se arrepentia da louca empreza em que se metera, quando um choro forte e seguido chegou aos seus ouvidos... Tibúrcio gritou:

— Oh Matias, és tu?

O choro parou de repente e a voz de Matias respondeu:

— Sou eu! Sou eu! Estou amarrado a um pinheiro!

Nunca, como naquele momento, Tibúrcio lamentou tanto a sua desgraça! Não poder correr, não poder precipitar-se a salvar o seu amigo, o único amigo que tinha neste mundo!

Mas não perdera a coragem. Chegado ao pé do pinheiro ao qual Matias estava amarrado, sem poder sequer chegar ao pé de sua cara chorosa, Tibúrcio disse-lhe:

— Tem paciência mais um bocadinho Matias; eu sei onde mora aqui no pinhal um serrador de lenha; vou chamá-lo tão depressa quanto eu puder...

Quando Matias, nessa mesma noite, abraçado ternamente à mãe lhe contou a tortura que passara, e a dedicação impressionante do pobre Tibúrcio, a costureira, comovida, murmurou:

— E foi a criatura mais fraca, mais insignificante, a única que te valeu! Tiveste a recompensa da tua bondade, meu Matias!

O próprio Mateus, envergonhado, resmungou:

— Portei-me como um porco... Não torno mais.

E, daí por diante, Matias e Mateus foram, mais que nunca, os protectores desvelados do aleijado Tibúrcio.

O SEGREDO DE CLARINHA

CLARINHA — Então para que serve? Nem pode falar bem as línguas.

CONDESSA (contente) — Pois aí é que te enganas, Clarinha: é uma portuguesa, sim, mas viuva dum antigo diplomata, e falando lindamente as línguas estrangeiras.

CLARINHA (zangada) — Então a Mãe já combinou tudo sem eu dizer o que preferia?

CONDESSA (severa) — Não sejas injusta, minha filha, nem impertinente. Tanto falei a respeito dessa senhora, como do colégio de S. José de Cluny: e quero, ouviste? que sejas tu mesma a resolver.

CLARINHA (casmurra) — O que eu preferia era continuar como até aqui.

CONDESSA — Isso é que é impossível.

Clarinha ansiava sempre pela hora das lições

CLARINHA — Então... antes quero ter de aturar a tal senhora: mais vale uma massadora do que vinte ou trinta...

CONDESSA (desconsolada) — Porque há-de ser massadora, Clarinha? Dizem-me que a sr.^a D. Beatriz é uma senhora simpática, alegre, adorando crianças...

CLARINHA (encolhendo os ombros) — Deixá-la vir, então: mas sinto que vou embriar com ela...

E, daí a uns dias, estando Clarinha no jardim, a ler descançadamente, uma criada veio chamá-la para ir à sala.

CLARINHA — Quem é que está lá?

A CRIADA — Não conheço, menina: é uma senhora alta, de cabelo branco...

Quando Clarinha entrou na grande sala, estavam duas senhoras sentadas ao fundo: e, a princípio, vindo da luz intensa do jardim, mal distinguia as fisionomias.

CONDESSA (afável) — Vem cá, minha filha, quero apresentar-te...

CLARINHA (aproximando-se) — Aqui estou, Mãe.

A SENHORA (levantando-se e estendendo-lhe a mão) — Havemos de gostar uma da outra, estou certa.

CLARINHA (encarando-a bem nos olhos) — E' possível...

A SENHORA (rindo) — Não é muito animador este acolhimento...

CONDESSA — Clarinha tem um feitio especial, sr.^a D. Beatriz: mas tem uma grande e nobre qualidade, sabe?

CLARINHA (admirada) — O que vai dizer, Mãe?

CONDESSA (grave) — E' absolutamente leal e sincera. Se quiser ir com ela ver os seus aposentos, sr.^a D. Beatriz, tenho nisso muito gosto.

(E D. Beatriz Coutinho, sorrindo, agarrou Clarinha pela cintura e embrenhou-se com ela pelo escuro corredor).

III

Parecia, realmente, que aquela senhora tinha o condão de conquistar a simpatia de todos: foi um raio de luz brilhante que entrou com D. Beatriz no velho e soturno palácio de Alfama!

Clarinha ansiava sempre pela hora das lições; e o próprio catecismo, que antes lhe parecia pesado e massador com tanta coisa que mal compreendia, era ensinado pela boa senhora com um interesse enorme.

CLARINHA — A lição de doutrina podia bem ser maior do que as outras, sr.^a D. Beatriz! Afinal, ontem ficámos em meio de coisas tão interessantes...

A SENHORA: (levantando-se e estendendo-lhe a mão): Havemos de gostar uma da outra, estou certa

D. BEATRIZ (rindo) — Temos tempo, filha: o que se não acabou ontem continua-se hoje. Que queres tu desenhar esta tarde no quadro preto?

CLARINHA (entusiasmada) — Deixe-me ir seguindo o Velho Testamento, sim? Podia hoje desenhar Jacob e Esaú...

MÁRIO (entrando a correr) — Eu também quero fazer desenhos no quadro preto: a Arca de Noé!

CLARINHA (aborrecida) — O menino tem as suas lições e eu tenho as minhas.

D. BEATRIZ (afagando Mário) — Agora é a hora da mana, filho; mas logo, quando a mana for estudar piano, vamos nós falar do Noé e da arca, sim? (E D. Beatriz levou o pequeno, um pouco amuado mas resignado, para fora do quarto de estudo).

CLARINHA (correndo para a porta e fechando-a à chave) — Olhe, Sr.^a D. Beatriz, o melhor é fechar a porta à chave.

D. BEATRIZ (abrindo-a) — Não, Clarinha, isso não. Pode a tua mãe querer aqui vir, como é natural...

CLARINHA (zangada) — Para quê? a Mãe não precisa de cá vir para nada.

D. BEATRIZ (triste) — Como me entristece ver que não és amiga de tua mãe, minha filha.

CLARINHA (sombria) — Não é minha mãe: é minha madrasta.

D. BEATRIZ (carinhosa) — Diz-me lá, Clarinha, porventura esta senhora já alguma vez te tratou mal?

CLARINHA (côrando) — Isso não, minha senhora.

D. BEATRIZ — E nunca ouviste dizer o que foi a dedicação dela durante a longa doença do teu pobre pai?

CLARINHA (baixo) — Já mo disse a Perpétua.

D. BEATRIZ (com força) — Então tens alguma razão para não gostares da tua segunda mãe, Clara? Tu és leal; fala com franqueza.

CLARINHA (de cabeça baixa) — Não tenho, sr.^a D. Beatriz: mas detesto-a!

D. BEATRIZ (grave e triste) — Minha pobre filha, tão nova e já podendo detestar alguém. Tenho dó de ti, podes crêr!

(Continua)





TAGARELICES DA SR.^a MARIA

— De quem vai hoje falar-nos, sr.^a Maria? — perguntou Ana Rita.

— Dum homem de guerras? — acudiu José Manuel.

— Que massada de guerras... — gemeu Vera.

— Ora, é sempre o mais interessante — tornou José Manuel.

— Vou falar aos meninos de um grande português; mas lá de guerras é que não temos nada — declarou a sr.^a Maria — hoje conto-lhes a história de Gil Vicente.

— E' o dos Autos? — perguntou Maria Joana.

— Esse mesmo, menina. No tempo do rei D. Manuel I, aquele a quem se chamou o Venturoso, é que viveu Gil Vicente. Ora tanta era a graça que ele tinha a contar coisas, a fazer versos, a dizer histórias chistosas, que essa fama chegou nada menos do que ao Paço; numa ocasião em que a boa da Rainha estava doente e em que até tinha nascido um principzinho. Ora, o que julgam os meninos que aconteceu? O Gil Vicente foi chamado para dizer versos da sua lavoura e distrair a rainha doente.

— Eu já sei o que ele disse — observou José Manuel.

— Como não é você que conta, deixe falar a senhora Maria — acudiu Maria Domingas.

— Vestiu-se de vaqueiro, assim bem à salaio — continuou a sr.^a Maria — e entrou pelo palácio dentro como se estivesse em sua casa!

— Eu se estivesse de cama confesso

que detestava ver entrar no meu quarto um vaqueiro — observou Maria Joana, franzindo o nariz.

— A menina não ré que não era um vaqueiro verdadeiro? — disse uma das pequenas.

— Deixá-lo; era um trapalhão qualquer.

— Trapalhão! — indignou-se a sr.^a Maria — Foi o homem que fundou, meus meninos, o teatro da nossa língua portuguesa: fiquem-se com essa!

— Conte lá, sr.^a Maria, conte lá!

— Ora tamanho foi o gosto que ele deu à Rainha naquele dia de Junho no ano 1508, com as suas falas engraçadíssimas (se bem que metia palavrões de meia noite!), que o mandaram lá voltar mais vezes. E de cada vez Gil Vicente dizia e representava...

— Sôzinho?!

— Não, menina: levava a filha e mais gente nova para representarem as farsas e as comédias que ele inventava. E' preciso que os meninos saibam que até esses tempos não havia teatros nem representações; e Gil Vicente foi o primeiro que, na nossa terra, se lembrou de escrever peças, a que se chamaram Autos; em que, brincando, brincando, ia mostrando as asneiras de uns, a maldade de outros, o amor ao dinheiro de outros, a toleima, a falsidade e tudo mais! Com as suas críticas ele punha, como se costuma dizer, a careca à mostra a muita gente!

— Eu já vi o Auto da Mofina Mendes — disse Ana Rita.

— Esse é uma lindeza, a falar a verdade! E quando os pastores estão todos a patelar sem verem que está ali, ao pé deles, Nossa Senhora diante do seu Menino, e um Anjo lá no alto, sabem os meninos o que isto significa?

As crianças entreolharam-se, espantadas.

— E nunca lhe fizeram uma estátua? — perguntou Alicinha.

— Fizeram, sim senhor: está no alto do Teatro D. Maria! — gritou José Manuel.

— Bem merece lá estar: pois foi ele o criador do teatro português! — concluiu a sr.^a Maria.

Vera Maria e o Natal

Mais um Natal em que a querida e generosa Vera Maria se lembrou das criancinhas pobres: preparou com amor um encantador Presépio e, antes da Grande Festa cristã, mandou-o à Directora desta página com destino à Crèche de Belas. Infelizmente, porém, por motivos alheios à vontade dos seus proprietários, essa Crèche teve de fechar e não serão este ano os pequeninos de Belas que apreciarão a gentileza adorável de Vera Maria!

CHARADAS

A 24 soldados
Comando e comando bem; (1)
E a minha qualidade
De ordinária nada tem (2)
Fala muito, é tagarela,
Mas ninguém pior que ela.

Só p'ra bem ao mundo vim
E proveinho d'altos montes.
Nunca se vive sem mim
Eu vivo a cantar nas fontes. (3)
Sou pequeno em corpo humano
Mas sem mim... não se aguenta (1)
Em dia quente de verão
O meu todo dessedenta!

(VER SOLUÇÃO NA ÚLTIMA PAGINA)

PAGINA DAS LUSITAS

— E até se ouve dizer:

Eles fazem que não ouvem, e eles ouvem muito bem...

E' para mostrar que as gentes andam pelo mundo sem pensar na Religião, sem ver Deus, sem sentirem conhecer a grande Felicidade da Fé, que ali estava mesmo ao lado... — e a sr.^a Maria, cruzando as mãos, calou-se um momento, pensativa.

— Conte mais, ande — pediu Maria Domingas.

— Gil Vicente fez também farsas muito alegres e folgazãs como é uma chamada A farsa de Inez Pereira; e uns Autos lindos em que o Diabo diz as verdades nuas e cruas aos maus...

— Mas que homem tão notável! — exclamou um.

— E' um dos homens que mais brado deu pelo seu talento! E sabem que houve um grande sábio da Holanda que quis aprender o português só para ler escritos de Gil Vicente?!

— E nunca lhe fizeram

POR
MARIA PAULA
DE AZEVEDO

O segredo de Clarinha

(Continuação do número anterior)

CLARINHA (sacudindo a cabeça) — Vou desenhar o Esaú, todo peludo, e o Jacob a receber a bênção do pai cego.

E correndo para o quadro preto, Clarinha esboçou, com verdadeiro talento, as figuras do Velho Testamento. Ali estiveram, professora e discípula, até à hora da merenda, e, logo a seguir, vinham outra vez, como sucedia quasi todas as semanas, as primas e os primos brincar.

MAUNEL JOÃO — Meninas e meninos, sentem-se todos em volta de mim: peço a palavra!

ANGELICA — Se você bota discurso, eu fujo.

CLARINHA — Não faças caso Manê: fico eu a ouvir.

MARIA AMÉLIA — E se calhar... és a única que ele quer que ouça.

MANUEL JOÃO (a rir) — Nada disso: não de ouvir todos; grandes e pequenos.

ZECA — Desembuxa!

MANUEL JOÃO — Imaginem que recebi hoje mesmo um presente esplêndido do meu padrinho!

ANGELICA — Ora, ora, ora: é para nos dizer isso que queres tudo à roda de ti?!

MANUEL JOÃO — Quando souberem o que é o presente, talvez se interessem todos!

ZECA — Eu cá se não é para mim essa coisa, não me importo com ela.

JOÃO — Nem eu.

CLARINHA — Ao menos, deixem ouvir o que é!

MANUEL JOÃO (triumfante) — É um cinema, uma máquina de filmar! E vou filmar as nossas brincadeiras, os nossos jogos, tudo!

CLARINHA — Que esplêndido!

MARIA AMÉLIA — Você não sabe.

ANGELICA — Pode aprender: de tolo não tem nada o nosso primo.

MANUEL JOÃO (indo buscar a máquina e mostrando-a) — E quero já, ouviram? filmar vocês quatro, meninas, a dançarem o Vira! Vá, tudo no meio da casa! Vamos! Despachem-se!

Foi uma balburdia. Clarinha, Angélica, Maria Amélia e Zeca, de braços levantados, já cirandavam, alegres, cantando a bom cantar; e os outros pequenos, batendo as palmas a compasso, ajudavam a marcar o alegre ritmo popular. Manuel João ainda preparava a sua máquina quando entrou a condesa.

A CONDESSA (risonha) — Muito bem



filhos, muito bem! Gosto imenso de os ver rir e cantar.

MANUEL JOÃO — É para eu filmar a dança, Tia! E as meninas dançam lindamente, sobretudo a Clarinha.

CLARINHA (parando de dançar) — Estou cansada; não danço mais.

A CONDESSA — Tão depressa te cansaste, minha filha?

MÁRIO (espantado) — Não é cansaço... é amuo!

CLARINHA (furiosa) — Cale-se, seu patetinha.

MANUEL JOÃO (admirado) — Oh Clarinha!

A CONDESSA (saindo) — Não briguem, filhos; cantem e dançam sem se zangar, peço-lhes.

ANGELICA (a Clarinha) — Estavas cansada ou foi birra?

MARIA AMÉLIA (rindo) — Essas coisas não se perguntam.

CLARINHA — Foi birra, Angelica, fica sabendo.

MÁRIO (triumfante) — Já vêem que eu acertei: escusava a menina de me chamar nomes.

MANUEL JOÃO (desconsolado) — Ora tu que és esperta, e boa, e religiosa, e...

MARIA AMÉLIA — Basta, meu primo, basta!

MANUEL JOÃO — Deixa falar, Maria Amélia. Pois tu, Clarinha, que tens tão boas qualidades, como és às vezes tão arisca...

MÁRIO — É só com a Mãe, fiquem sabendo.

CLARINHA (zangada) — Se o menino falasse menos, fazia bem.

Ouve-se a voz de D. Beatriz chamando: — Clarinha! Clarinha!

CLARINHA (iluminando-se subitamente) — Vamos depressa, meninos: é a minha querida sr.^a D. Beatriz a chamar-nos para o jardim!

MANUEL JOÃO (pensativo de si para si) — Porque será que ela detesta a Tia?

(Continua)

LUSITAS!

Brevemente
tereis um jornal
só para vós!

Colorido, alegre,
cheio de histórias
e de surpresas.



Um lindo jornal!

PÁGINA DAS LUSITAS

ERA UMA VEZ...

MÁRIO, o ardina

MÁRIO tinha sete anos; mas era tão baixinho, tão magro, tão enfezado, que parecia ter cinco! E as pessoas que passavam à tardinha pela Avenida ao ouvi-lo gritar, com a sua voz zita esgançada: — Diário de Lisboa! Olha o Diário! — iam-se de o ver tão pequeno e já a ganhar a vida. De manhã, ao romper do sol, ia juntar-se ao seu grupo, trabalhando por conta de um deles, e trazia um monte de «Séculos» a tiracolo: passavam tanto nos seus pobres ombros! Mas lá ia a correr apregoando, com aquela voz de criança que chegava a enternecer certos corações de mulher...

Já não tinha pais; e vivia com uma tia Engrácia, rabujenta e antipática, que não se cansava de lhe ralhar por tudo e por nada.

— Não passas de um biscoito, criatura! Porque te não levou a morte com os teus pais? — resmungava a cruel mulher.

— Não é minha culpa, senhora — respondia Mário, com os olhos rasos de água.

E, lá saía a correr, quasi sem alimento, pelo nu, ao frio, ao vento, ao sol... Um dia uma senhora reparara naquele ardinasito tão pequeno; e, ouvindo o prego esgançado, vendo o macaco todo rito e, sobretudo, aquela carinha de fome, quis saber da vida dele. Comprou-lhe um pãozinho com fiambre, tomou nota da morada e, uns dias depois, entrava no casebre da tia na Fonte Santa.

— Quem é a senhora? — perguntou a mulher, desconfiada e mal humorada.

A senhora sorriu e respondeu: — O meu nome não importa. Mas interesse-me pelo seu sobrinho: e gostava de poder valer-lhe. Ele come o suficiente para o trabalho que tem?

— Se a senhora o quere sustentar, melhor para mim — tornou a mulher, casmurra — tomara eu ver-me livre do miúdo, que o que me traz para casa não cobre o que me gasta.

Antes, porém, que a boa senhora lhe tornasse a responder a porta do casebre abriu-se e Mário entrou correndo, com a sua carinha triste de fome e de frio. Ao ver a senhora exclamou:

— A senhora do pãozinho! Então voce-me achou a casa da minha tia?

— Olhe, sr.^a Engrácia, se me dá licença eu vou recomendar o garoto ao Prior desta freguesia para ele frequentar a escola nocturna; depois...

— Que bom! — gritou Mário.

— La com priores é que eu não vou à bola — resmungou a mulher, sem ousar protestar de rijo.

— Pode almoçar na minha casa quando vem da venda dos jornais; e arranja-se-lhe algum fatito de vez em quando.

— Oh minha tia, voce-me deixa, não deixa?

— Tanto se me dá — declarou a sr.^a Engrácia, encolhendo os ombros com ar enjoado.

E a boa senhora, pondo sobre a mesa algum dinheiro, uma camisola de lã e um pão de meio quilo, tornou:

— O que eu te quero vêr é sempre lavadinho, Mário; o chafariz é perto e a água é de graça. Cá mandarei dizer o dia e a hora em que te hás-de apresentar na Escola.

E a boa senhora saiu, risonha, deixando o ardina radiante e a tia furiosa.

— Ora a serigaita! Que tem você que

andar a contar a sua vida às toleironas da alta, não me dirá, seu trinca-espinhas? — gritava a senhora Engrácia dando um empurrão no infeliz sobrinho.

Mas, de repente, a sr.^a Engrácia ficou imóvel e calada, olhando fixamente um canto do casebre, perto da porta da rua. Mário, espantado, seguiu-lhe o olhar.

— Olha! olha!... começou ele, avançando para esse canto. A tia, porém, agarrou-lhe o braço e atirou o garoto para trás de si.

— Alto, meu malandro: aquilo é meu; e você não lhe toca nem com um dedo — A mulher abaixou-se e apanhou do chão um rico broche de brilhantes, caído junto à porta.

— Deixe-me ir levá-lo à senhora, sim? Há-de ficar raladinho de desgosto sendo topar com ele quando chegar a casa! — disse Mário.

— O broche é meu e muito meu; você não tem nada com isso: é cuidado com a língua, ouviu? Senão... há-de saber o que lhe custa.

O pobre garoto baixou a cabeça tristemente e a tia guardou o precioso broche.

Quando Mário, na madrugada seguinte, foi buscar os jornais não pôde deixar de pedir a um dos seus companheiros que lhe dissesse se havia alguém a anunciar um broche perdido.

— Ouvi ontem falar nisso — explicou ao garoto.

— Tenho lá tempo para perder, eh pá! — respondeu o outro correndo com os jornais.

Mas não foi preciso procurar nas páginas dos anúncios; pois ao chegar ao seu casebre lá estava a tia, de jornal em punho, dizendo-lhe, triunfante:

— Cá vem o broche; é ele mesmo! Viste-lo?? Não no apanhas, não, minha rica! Caes alviçaras nem meias alviçaras: vou mas é empenhá-lo; e é já!

— Se voce-me faz isso, tia Engrácia, é o mesmo que roubar! — disse Mário, chorando.

Uma grande bofetada tapou a boca ao garoto; e a tia, pondo o challe velho e seberto, saiu. Mário chorava num canto sem saber o que fazer para impedir o acto desonesto da tia. Não queria denunciá-la...

Não sabia a morada da senhora... Sabia, porém, onde era a casa de penhores que habitualmente lhes emprestava dinheiro sobre os miserios móveis: era decerto aí que a tia levava o broche. Teve então uma idéia que logo resolveu pôr em prática antes que a tia voltasse. Esgueirando-se pelas ruas menos frequentadas, por aquelas onde provavelmente a tia o não o encontraria, foi à casa de penhores e entrou de mansinho, fazendo sinal a um garoto maior do que ele para que, sem barulho, chamasse o patrão. E quando o viu, segredou:

— Oh senhor Zé, a minha tia entregou-lhe agora mesmo o broche de brilhantes, bem sei.

— Mas... — cortou o sr. José, de sobrolo franzindo.

— Deixe-me falar, senão vai você já preso, mais o broche, mais eu, mais tudo: leva-nos o diabo!

— Você está maluco! — murmurou o homem assustado.

por MARIA PAULA DE AZEVEDO

O SEGREDO DE CLARINHA

Quando chegou o verão separou-se o rancho. Acabados os exames, despachados os estudos, a idéia das férias enchia-os a todos de enorme alegria. Uns iam para as quintas, gosar o belo campo, a vida sã e simples; outros passavam meses nas praias, nos prazeres múltiplos que oferece o mar. Clarinha, porém, antes de se instalarem na bela quinta de São Joaquim, em plena Beira Alta, costumava acompanhar a madrastra e o irmão a umas termas, onde ficavam as inevitáveis três semanas a tratar o reumatismo da condessa.

A CONDESSA (a Clarinha) — Prefere que a Sr.^a D. Beatriz vá connosco para as águas ou não, Clarinha?

CLARINHA — Se ela não vai tomara eu não ir também!

A CONDESSA — Não há maneira mais

— Vinha atrás de mim um deles: e se lhe apanham a joia, você sabe o que lhe acontece. Olhe, já viu o anúncio no Noticiário, não viu? — e Mário pôs a página do jornal diante dos olhos ramelosos do homem.

— Viu ou não? Está aqui o broche ou não? E a morada não a vê aqui escapachada?

O homem resmungou: — Já vi, já vi: é na Rua Alexandre Herculano, n.º 44. Mas que tenho eu com isso? — e o homem, furioso, empurrava o jornal.

— Eu é que o venho livrar da polícia; e mais... venho mandado da minha tia. Vocemecê entregue-me já o broche, para eu o esconder hoje; e logo à noite já lho trago. Você bem conhece a gente e sabe onde a gente mora. Não arrisca nada.

O homem fitou o garoto, desconfiado...

— Ande, avie-se, olhe que eu raspo-me e o sr. José é apanhado! Se é isso o que quer, olhe, pisgo-me... — e Mário voltou-lhe as costas. Mas o homem agarrando-o, disse-lhe:

— Você traz-mo logo à noite?

— Pois...

Dai a momentos o ardina, correndo apressado, deixava a preciosa joia na morada que o jornal indicava; e fugia sem esperar pelas alviçaras.

Quando, à noite, a tia o viu chegar a casa, perguntou-lhe:

— Olha lá, fedelho, não tornaste a ver a tua serigaita? Deve estar como uma bicha com a falta da joia!

Um forte empurrão na porta desconjuntada deixou entrar o dono da casa de penhores, exclamando, furioso:

— Que é do broche? Passem-no para cá já!

A senhora Engrácia, espantada, gritou:

— Você está bêbado? Então não lho levei?

— Mas mandou lá o garoto buscá-lo!

Mário, encolhido a um canto, nada dizia; e a contenda dos dois tornou-se tão violenta que daí a meia hora a polícia levava presos os contendores.

A senhora nunca soube quem lhe levava o precioso broche. Mas continuou a proteger o honrado ardina que deixara, para sempre, a casa da tia.

clara de mostrar que é amiga dela: ainda bem.

D. BEATRIZ (entrando) — A senhora condessa mandou-me chamar?

A CONDESSA — Era para combinarmos as suas férias. Mas julgo que a Clarinha bem pouco deseja que as tenha...

CLARINHA — Não nos deixe, não?

D. BEATRIZ (rindo) — Está bem, filha, está bem: eu gosto até muito de te acomodar às águas. Mas só com uma condição!

CLARINHA (curiosa) — O que é?

D. BEATRIZ (a sério) — É que se não acabarmos de todas as lições: serão só meias férias.

CLARINHA (risonha) — Que bela condição: nada me custa!

A CONDESSA — Vou tratar das malas: partimos já para a semana.

Nunca, ainda, Clarinha se sentira tão feliz como naquele verão! E graças ao feito alegre e simpático de D. Beatriz a própria antipatia que sentia pela madrastra parecia mais atenuada...

Mário, cujo temperamento era azêdo e casmurro habitualmente, também se mostrava bem disposto; e todos os dias, enquanto a condessa seguia os seus tratamentos, os dois irmãos passavam com a professora horas calmas na grande mata de cedros e pinheiros.

D. Beatriz e Clarinha levavam livros e trabalhos; Mário entretinha-se com mil pequenas coisas, correndo pelos atalhos cheios de sombra, observando os insectos

variados, improvisando camionetas e cavalos.

CLARINHA (suspirando) — Que bem que se está aqui! A minha pena é quando chega a hora de ir para casa: e chega tão depressa!

D. BEATRIZ (cosendo) — Tudo tem os seus encantos: e a chegada a casa onde temos comodidade, carinho, um bom jantar, numa boa cama...

CLARINHA — Nada disso chega à delícia de estarmos aqui na mata, sôzinhas...

MÁRIO (chegando a correr e a fingir a busina de uma camioneta) — Também sou gente, Clarinha!

D. BEATRIZ (rindo) — Agora és camioneta, Mário.

CLARINHA — Você não conta: cresça... e desapareça, andei!

(Mário desaparece a correr e a businar)

D. BEATRIZ (com interesse) — Diz-me, Clarinha, sentes-te agora mais feliz do que quando estavas em Lisboa? Andavas às vezes tão aborrecida, tão mal disposta! Não era natural na tua idade.

(Continua)

Carta de despedida às Lusitas

Queridas Amiguinhas

Há perto de quatro anos que eu comunique com vocês nesta Página, só por mim dirigida com todo o interesse pelos vossos espíritos infantis. E agora que, entrego essa direcção a Filadelfia da M. P. F. e que, portanto, deixo de vos contar as minhas histórias, pergunto a mim mesma se, nestes quatro anos, (tantos quanto conta o Boletim da M. P. F.) vos terei massado ou divertido?? Bem gostaria que mo dissessem, queridas Lusitas... Não quero, porém, deixar para sempre esta Página sem vos dizer, como palavra de despedida:

Sejam sempre, antes de mais nada, leais! Lembrem-se sempre que são portuguesas! Não pratiquem nunca actos que não sejam de boas cristãs! E creiam que muito vos quer e muito se interessa por vós, acompanhando sempre o vosso desenvolvimento, a vossa Amiga

MARIA PAULA DE AZEVEDO



PÁGINA DAS LUSITAS

PO R M A R I A P A U L A D E A Z E V E D O

O SEGREDO DE CLARINHA

(Continuação do número anterior)

CLARINHA — Nunca posso sentir-me feliz em casa; há sempre... o que a Sr.^a D. Beatriz sabe.

D. BEATRIZ — Tóla! Não compreendo esses sentimentos de embriaguez sem motivo. Tua madrasta é má? Trata-te mal?

CLARINHA — Não posso dizer isso, mas detesto-a; e esse sentimento é tão forte... que até se estende ao meu irmão!

D. BEATRIZ (indignada) — Oh Clara! Não podes continuar a pensar assim.

CLARINHA (abraçando-a) — Não se zangue, não? pois de si gosto imenso, bem sabe!

D. BEATRIZ — Com o rancor no coração quem pode ser feliz? A primeira coisa que deves fazer é confessar isso tudo ao padre; e cre que me desgostas profundamente.

CLARINHA (sacudindo a cabeça) — Não pense nisso; talvez passe um dia. Olhe sabe o que me disse a Mãe? que os primeiros Sócios vão estar connosco na Quinta: o Manuel João, a Angélica e a Zéca. Fiquei contentíssima!

MÁRIO (correndo) — Não se admirem se me demoram: a camioneta valagora ao Algarve!

D. BEATRIZ — Coitadito, está bem melhor do que veio; e, apesar do mal que tem, é um bom pequeno.

CLARINHA — Às vezes sinto ternura por ele; mas nem sempre... Chego quasi a detestá-lo!

Passaram as horas depressa na calma da tarde. Quando chegou a hora de deixar a mata chamaram por Mário a bom chamar... — Hui! Hui! — gritava Clarinha; e o eco respondia entre o arvoredo frondoso: — Hui! Hui!

— Má... rio! — gritava D. Beatriz para outro lado. Nenhuma voz, porém, respondia àqueles chamamentos; e a professora começava a sentir-se verdadeiramente inquieta. Havia lagos perigosos naquela mata...

CLARINHA — Não se assuste, Sr.^a D. Beatriz: não se lembra que ele avisou que se demorava mais desta vez?

D. BEATRIZ (afrita) — Esta mata é cheia de barrancos: se ele caiu nalgum? E vai escurecendo cada vez mais, meu Deus...

CLARINHA (resoluta) — Vamos por lados diferentes a chamar: e voltamos aqui ambas.

E, separando-se uma da outra, foram chamando através da mata sombria... Mas quando voltaram àquêl banco onde tinham passado a tarde, nenhuma conseguia ainda encontrar Mário; e a aflição de ambas era enorme!

Foi uma noite terrível aquela em que, com lanternas e archotes, se andou percorrendo a mata em busca do pobre Mário! E passadas muitas horas tiveram de interromper-se as buscas, quasi inúteis pela escuridão daquela noite, para se recomecerem apenas ao sol nascente.

A infeliz condessa, a quem não tinha sido possível esconder o desaparecimento do filho, caíra na cama com uma grave ataque de coração; era a boa D. Beatriz que olhava por ela, tratando-a dedicadamente.

E durante este tempo Clarinha, com

ares estonteados, vagueava pela mata chamando o irmão em voz plangente.

Acordara nela, enfim, um sentimento de ternura quasi maternal pelos anos que tinha mais do que ele; e passava-se na sua alma qualquer coisa de estranho que ela própria não sabia explicar a si mesma... Parecia-lhe que era culpada naquele desaparecimento do irmão; parecia-lhe que fora ela, com a sua frase seca e impertinente, que o mandara para a morte! E ouvia, a todo o momento, dentro do seu espirito, as suas próprias palavras:

— Você não conta: cresça... e desapareça, ande!

Entregue a si mesma durante horas, pois D. Beatriz não deixava a cabeceira da condessa, Clarinha sofria intensamente.

Tinham-se feito pesquisas nos dois grandes lagos: e eis que surgiu preso aos ramos duma das margens o boné azul que o pequeno usava sempre! Maior terror foi o de Clarinha, na quasi certeza de que o irmão ali caíra... Mas os paus e os galhos varlados não trouxeram o corpo de Mário e já se pensava que o rapaz saíra da mata e fora, talvez, roubado por ciganos... Também os cães ajudavam nestas pesquisas, parecendo compreender do que se tratava, correndo a farejar o chão, depois de lhes darem a cheirar o boné azul. Era já meio dia quando um pequeno fox-terrier, que muitas vezes brincava com Mário nas suas alegres corridas, parou, ladrando com força perto dum cedro. A cabeça erguida, a boca escancarada, os olhos brilhantes, o cãozinho não se calava; e corria duns para outros numa ânsia impressionante.

UM HOMEM — O menino é capaz de ter trepado pelo cedro acima...

CLARINHA (gritando para cima) — Mário! Mário! Responde!



OUTRAS VOZES (gritando) — Oh menino Mário! Oh menino Mário! Mas nenhum som vinha dos altos ramos do cedro... E o cãozinho continuava a ladrar.

UM HOMEM — Vai-se buscar uma escada para trepar até lá acima.

CLARINHA — E como é que meu irmão pôde trepar tão alto?!

OUTRO HOMEM (abanando a cabeça) — Sim, é a falar a verdade, custa a crer...

Depois duns momentos de espera trouxeram uma escada alta, que se encostou ao cedro; e o fox-terrier, vendo esses preparos e compreendendo o que se passava, deitou-se encostado à árvore.

Clarinha, exausta e chorosa sentou-se no chão e afagou o cãozinho em silêncio, enquanto um dos guardas da mata subia pela alta escada.

UM HOMEM (cá de baixo) — Então, oh sr. Serafim, vê por lá alguma coisa?

Uma forte exclamação do guarda lhe respondeu.

O GUARDA — Homens!

CLARINHA (erguendo-se de repente) — O que é? O que é?

O GUARDA — Pois o que haverá de ser, menina? Ao menino e ao borracho pôe-lhe Deus a mão por baixo!

CLARINHA (gritando, impaciente) — Achou o meu irmão? Mário!

O GUARDA (a rir, descendo devagar) — Já aqui o tenho: dorme como um anjinho!

VÁRIOS HOMENS — Santo nome de Jesus!

— Esta é que é de arromba!

— E trepar até lá acima um fedelho destes!

CLARINHA (de mãos postas, chorando) — Oh minha Virgem Santa que me ouvisse!

Depressa o guarda pôs nos braços dela o irmão. Mas o pobre Mário não dormia «como um anjinho»: talvez, pensava Clarinha, já estivesse no céu com outros anjinhos, tão grande era a sua imobilidade e sua frieza hirta!

UM DOS HOMENS — Deixe-o, menina, leva-se ao colo que a menina não tem forças.

Mas Clarinha não consentiu que lhe tirassem o irmão dos braços.

E, cingindo contra o peito aquêl corpo gelado, foi a correr até casa sem parar. Ai, porém, faltaram-lhe as forças! e, depois de entregar Mário, Clarinha caiu desmaiada.

Tinham chegado os primos queridos de Clarinha; e com eles uma pequena inglesa, ainda parente afastada, que vinha passar as férias em Portugal e de quem Clarinha muito gostava. Polly era alegre e expansiva; e o seu português atrapalhado fazia rir toda a gente. Logo que chegaram foram todos ver o jardim.

POLLY (entusiasmada) — Oh vista superbá!

CLARINHA (rindo) — Não fizeste progressos nenhuns!

POLLY (indignada) — Mas tu não dizer essa coisa, Clara! Na minha colégio todos admiram eu falar tão bem português!

CLARINHA (risonha) — Pois sim, Zéca, vamos lá. Eu estou a gozar tanto tê-los cá, nem calcula! Deus sabe se para o ano...

MANUEL JOÃO (admirado) — Para o ano... estamos mais velhotes; mas a quinta é a mesma e os pic-nics também podem ser os mesmos!

CLARINHA (baixo) — Não se sabe o que será para o ano...

Depois duma tarde animada, com o lauto

POLLY (a sério) — Eu não pensar ter graça nenhuma! Só explicar... dizer... querer... querer...

MANUEL JOÃO (rindo) — Coitadinha da Polly, deixem-na falar o seu «bunda» à vontade; nós sempre a entendemos.

POLLY — «Thank you, John. Você é um gentleman».

CLARINHA — Amanhã vamos fazer um pic-nic no rio, querem?



POLLY (batendo as palmas) — «Oh lovely!»

CLARINHA — Vamos a pé até ao Molinho Velho, e tomamos banho antes de lanchar. Trouxeram os fatos?

— Sim! Sim!

MANUEL JOÃO (radiante) — E agora digo eu, à moda da Polly: Superbo!

ZÉCA — E o Mário vai connosco, Clarinha?

CLARINHA (com um suspiro fundo) — Está ainda fraquinho para essas coisas. Esteve bastante doente... Se vocês soubessem...

POLLY (com interesse) — Eu só saber que Mário ficou uma noite completa em cima dum árvore alto e não cair lá de cima. Admirável rapaz!

ANGÉLICA (pensativa) — Foi quasi um milagre...

ZÉCA — O Mário teve sempre um geitão para trepar às árvores. No verão passado esteve escondido que tempos naquela figueira velha, não se lembram?

MANUEL JOÃO — Parece ter raça de macaco!

CLARINHA (escandalizada) — Oh, Manuel João!

ANGÉLICA (a Clarinha) — E tu é que carregaste com êle meio morto, coitada.

CLARINHA (grave) — Não me falem mais nisso tudo, foi medonho; mas como êle se salvou e a Mãe não morreu (como se julgava que sucedia) foi como se me tirassem um peso de cima das costas!

ANGÉLICA (admirada) — Que culpa tinhas tu? Não percebo...

POLLY — Que coisa pesada estava sobre ti, Clara? Mim não entender bem.

ZÉCA — Deixem-se de explicações; vamos instalar-nos e depois combinar tudo para amanhã, sim?

CLARINHA (risonha) — Pois sim, Zéca, vamos lá. Eu estou a gozar tanto tê-los cá, nem calcula! Deus sabe se para o ano...

MANUEL JOÃO (admirado) — Para o ano... estamos mais velhotes; mas a quinta é a mesma e os pic-nics também podem ser os mesmos!

CLARINHA (baixo) — Não se sabe o que será para o ano...

Depois duma tarde animada, com o lauto

chá servido debaixo dos castanheiros, uma surpresa os esperava: a condessa convidara algumas pessoas amigas e resolvera improvisar um alegre bailarico, ao som da grande gramofona. Foi uma azáfama depois do jantar, com a combinação do que haviam de vestir, a escolha dos discos... E toda a tarde, na enorme cozinha, se agitavam as criadas, fazendo bolos, croquetes e pastéis.

Quando, pelas dez e meia, chegaram os convidados já o ranchinho estava a postos, pronto a divertir-se alegremente toda a noite.

Clarinha fazia as honras da casa com gentileza e boa disposição. Queria que todos dançassem, todos rissem, todos comessem, todos gozassem! E quando a condessa, vendo-a tão animada, se dirigiu a ela, Clarinha recebeu com agrado as suas observações.

A CONDESSA — Corre tudo ao teu gosto, filha? Estás satisfeita?

CLARINHA (sorrindo) — Agradeço-lhe, Mãe, a ideia e o trabalho que teve; estão todos animadíssimos!

D. BEATRIZ (aproximando-se) — Olha, Clarinha, o Manuel João queria que se dançassem danças populares; o Estalado, que êle marca lindamente. Mas que música há-de ser?

CLARINHA — Do Vira temos discos bons; vou vêr se se arranja o Estalado e outras danças.

E correu a procurar os discos.

Então, ao som alegre da música portuguesa, pareceu que uma mola impelliu toda a gente nova! Formaram-se os pares, e a voz vibrante de Manuel João dominava o tumulto com as marcas do Estalado, gritadas ao compasso da música, não perdendo nunca aquêl ritmo especial, pausado e inconfundível!

— Vai tudo ao centro! E chegadinhos! Anda de roda! E troca o par!

No constante mudar de pares chegou a vez de Clarinha dançar em frente de Manuel João. E embora o gritar das marcas o absorvesse, impedindo-o de conversar, ainda conseguiu dizer algumas palavras à prima.

MANUEL JOÃO (gritando) — E siga a roda! Sempre, sempre bem marcada!

(Baixo a Clarinha) — Estás esplêndida mas acho-te mudada. (Alto) — Vai tudo ao centro! Ai que belo Estaladinho!

CLARINHA (rindo) — Mudada para pior ou melhor?

MANUEL JOÃO — E troca o par! (baixo) Uma santa! Mas antes te queria rebitês!

(vai seguindo com outro par).

CLARINHA (dançando com outro rapaz) — É divertido o Estalado, não é, Jorge?

JORGE (enfadado) — Não acho. Gosto mais do tango. Com êstes pulos constantes nunca se pode nem falar, nem pensar, nem nada!

CLARINHA — Para falar e pensar e não sei que mais, não é preciso vir dançar!

Basta ficar sentado numa cadeira!

JORGE — Quem me dera... (seguem).

Acabadas as danças populares, sem que nunca esmorecesse o entusiasmo, foi servida a esplêndida ceia e o apetite de novos e velhos não faltou naquela noite festiva. Já de madrugada, exaustos todos, mas radiantes, trocavam impressões antes de recolherem aos quartos.

MANUEL JOÃO — Eu o que mais desejo, sabem o que é? É ouvir o que diz a Polly desta festa portuguesa!

POLLY (entusiasmada) — Eu nunca enjoei tanto como esta noite! (gargalhada geral).

CLARINHA (beijando-a) — Oh, Polly!

POLLY (admirada) — Porquê todos riem de mim? Porquê tu dizeses oh Polly?!

ANGÉLICA (bocejando) — É tarde demais para explicações: boa noite, meninas!

E tu, Polly, vai «enjoando» à vontade, que fazes bem.

MANUEL JOÃO — Pollyzinha não te zangues: mas o teu «enjo» inglês não se parece nada com o enjo português, sabes?

POLLY (admirada) — Em inglês eu digo: «I enjoyed myself»! Em português eu digo: «eu enjoei mim». Então não é isso que diz-se?

MANUEL JOÃO (rindo) — Coitada, Polly, vou dizer-te o que isso quer dizer na nossa língua: e Manuel João fez o gesto horrível, (acompanhado dum simulacro de náusea), de vomitar...

POLLY (indignada) — Oh shocking, shocking!

A CONDESSA (à porta) — Para a cama, meus filhos: olhem que são três horas da manhã. E lembrem-se do pic-nic ao Molinho Velho!

TODOS — Boa noite! Boa noite! Boa noite!

E daí a pouco tempo o sossego era completo na quinta de S. Joaquim.

Estendido numa cadeira de lona, no jardim, Manuel João lia sossegadamente ao pé de D. Beatriz que fazia «tricot».

D. BEATRIZ (parando de trabalhar) — Você não acha a Clarinha muito mudada?

MANUEL JOÃO (grave) — Acho, sr.^a D. Beatriz: e se quer que lhe diga, não gosto muito da mudança.

D. BEATRIZ (pensativa) — Nem eu...

MANUEL JOÃO — Há qualquer coisa nela que não sei explicar. Parece que a alma não acompanha o corpo...

D. BEATRIZ — Não vou tão longe, Manuel João. Mas desde o desastre do Mário, a Clarinha ficou diferente do que era, é certo!

MANUEL JOÃO (sorrindo) — Já não embeirra com a tia, felizmente; e parece adorar o irmão; mas...

D. BEATRIZ (com energia) — Olhe, Manuel João, a Clarinha tem um segredo, isso é certo. E como não é pessoa para desabafar facilmente, é capaz de sofrer, e adoecer e até... morrer! sem que ninguém descobra o seu pensamento!

MANUEL JOÃO (impressionado) — Mas então não é possível deixá-la sofrer assim! Que terá ela, a minha Clarinha?

D. BEATRIZ (socegando-o) — Alguma creancice, com certeza; mas era bom que desabafasse consigo, isso era. A sua irmã Angélica é um pouco brusca: não tem geito nenhum para a Clarinha; e a Neca é muito pequena.

MANUEL JOÃO — E consigo não se abrirá? Ela adora a sr.^a D. Beatriz!

D. BEATRIZ (comovida) — É muito minha amiguinha, é; mas sabe o que acontece nesta ocasião? Ainda nem falei nisto à condessa, imagine; vou ter de me ausentar por um tempo!

MANUEL JOÃO — Que desgosto para todos!

D. BEATRIZ — Você sabe que eu sou viúva e tenho uma filha casada há anos. Pois nasceu agora uma pequenina a essa minha filha: e ela suplica-me que vá conhecer a minha neta. Custa-me tanto deixar a Clarinha agora: sei que atravessa uma crise grave...

Foi um desgosto para todos a partida da boa senhora. E D. Beatriz, em lágrimas, teve de prometer solenemente que não se demorava mais dum mês.

E D. Beatriz partiu, deixando muitas saudades em todos.

O resto da temporada passou-se em alegres passeios pelo campo, interessantes leituras em comum, burricadas pelas charracas e banhos no rio, com exercícios brilhantes de natação: e foi êsse, sem dúvida, um dos maiores prazeres daquêl verão.

(Continua no próximo número)

PAGINA DAS LUSITAS

por MARIA PAULA DE AZEVEDO

Desenhos de Guida Ottolini

Chegara o fim de Setembro; e breve iriam para Lisboa. Nunca Manuel João conseguira surpreender Clarinha a chorar ou a entregar-se a uma tristeza visível. Uma manhã, porém, inesperadamente, Manuel João foi para a capela muito cedo: palpitava-lhe que lá iria encontrar a prima. E, realmente, ajoelhada num canto, as duas mãos tapando a cara, Clarinha estava imóvel... Rezava? Chorava? Manuel João não podia perceber nada. Clarinha não dera pela sua entrada... E dali a momentos levantou-se e saiu da capela. Manuel João hesitou: seguiu-a? Decidiu ficar; e avançando para o lugar que ela deixara encontrou sobre a teta o seu livro de missa. Não resistiu a pegar-lhe; não seria a Providência que lhe indicava o que devia fazer? Saiu da capela com o livrinho guardado na algibeira.

Fechou-se no quarto e começou a percorrer o livro, esperando ver nele algum indício dos pensamentos da prima...

Manuel João ia fechar o livro, desconsolado por nada encontrar, quando, de entre as folhas, caiu uma pequena imagem da Virgem. E no verso da imagem, em letra um pouco tremida, leu frases soltas, evidentemente escritas por Clarinha.

«Mário salva-me em troca...»
«Minha Nossa Senhora, aceita-me sim?»

«Prometo mudar o meu mau feitio este ano».

«No inverno estou pronta para tudo; e com a minha vida terei salvo o meu irmão. Todos os dias pensarei!»

Manuel João, impressionado e pensativo, guardou a imagem; e foi à capela por o livro onde o encontrara.

Naquele inverno parecia que sobre todos soprava um vento de boa disposição e de optimismo. Só Clarinha, que crescera imenso, perdera as belas cores que tanto encanto lhe davam! e o desprendimento com que aceitava todos os factos da sua vida, dava-lhe um ar alheio que preocupava seriamente a madrastra e a professora.

A CONDESSA — Olhe, D. Beatriz, estou resolvida a falar à Clarinha.

D. BEATRIZ (hesitante) — Talvez seja preferível a sr.^a condesa... por ora...

A CONDESSA — Não, não, D. Beatriz, isto agora tem de acabar. Foi pesá-la ante-ontem na botica e vi que perdeu 6 quilos em dois meses! Estou cheia de cuidado e vou chamar o médico para a ver.

Mas Clarinha, entrando nessa ocasião, ouviu a frase da madrastra.

CLARINHA (sorrindo) — É para mim que a Mãe manda vir o médico? Que idéia, Mãe! Nada me doe nem estou doente.

A CONDESSA (carinhosa) — Senta-te, filha; temos que conversar.

CLARINHA (rindo) — Oh Mãe, parece um tribunal! Serei eu a ré?

A CONDESSA (risonha) — Talvez... Mas ré de qualquer escúpulo, quem sabe? Tu és o que o dirás, filhinha.

D. BEATRIZ (abraçando Clarinha) — Pensa que só para teu bem aqui estamos, Clara: tanto a Mãe como eu queremos ver-te alegre, sã, des preocupada!

CLARINHA (comovida) — Mas eu...

A CONDESSA (com interesse) — Que tens tu que te aflige, Clarinha?

(Clarinha chora e não responde).

D. BEATRIZ (beijando-a) — Anda, filha,

explica-nos tudo; verás que ficas, depois, mais consolada...

(Clarinha abana a cabeça negativamente).

A CONDESSA (triste) — Tens um segredo, minha filha? E não mo queres dizer, Clara!

CLARINHA (chorando) — Não posso, não posso...

A CONDESSA (admirada e inquieta) — Não podes?! É o temperamento tenaz do pai: uma força de vontade inquebrável! (Clarinha soluça, chorosa, depois de beijar as duas senhoras em silêncio).

D. BEATRIZ (decidida) — Sr.^a condesa o Manuel João, só, é que pode fazê-la desabafar: é para Clarinha o mais querido dos irmãos...

A CONDESSA (admirada) — O Manuel João?! Vou pedir-lhe para vir hoje cá passar a tarde.

E Manuel João veio nessa tarde. Não tinha mostrado a ninguém a imagem que encontrara no livro de Clarinha, nem a ninguém dissera o que nela estava escrito. Mas estava decidido a dizer-lhe tudo, esperando que Clarinha lhe abrisse o coração.

MANUEL JOÃO (sentando-se ao pé dela) — Gostas de mim como se eu fosse teu irmão, Clara?

CLARINHA (cosendo) — Para que mo perguntas?!

MANUEL JOÃO — Então explica-me o que significam certas coisas que escreveste numa imagem que achei na capela...

CLARINHA (contente) — A minha Nossa Senhora que tinha perdido! Achaste-a, Manuel João? Dá-ma já, anda.

MANUEL JOÃO — Não ta dou sem que expliques o que escreveste.

CLARINHA (grave) — Não tens nada com isso: nem já me lembro...

MANUEL JOÃO (pegando-lhe nas mãos) — Lembra-te muito bem; não mintas, Clara.

CLARINHA (desprendendo-se, zangada) — A imagem é minha, os pensamentos são meus, eu sou, minha ouviste?

MANUEL JOÃO (triste) — Está bem, Clara; eu também fico conhecendo a fraqueza medida da tua amizade de irmã...

CLARINHA (chorando) — Oh Manuel João não me apouques! Se tu souberes o que sofro com a idéia de deixar tudo, tudo...

MANUEL JOÃO (espantado) — Deixar tudo? Tudo o quê? O que vai suceder-te?

CLARINHA (cobrindo a cara com as mãos) — Não o queria dizer a ninguém, nem a ti...

MANUEL JOÃO (destapando-lhe a cara) — Diz, Clara: que disparate fizeste ou pensaste? Tens só 14 anos, a coisa deve ser uma destas criancices de arromba! O que foi?

CLARINHA (escondendo a cara cheia de lágrimas) — Não é criancice, nem disparate. (com veemência) — Se o meu irmão apareceu, fica sabendo, se o meu pobre Mário se salvou, e se a minha madrastra não morreu com o choque, foi porque...

MANUEL JOÃO (espantado) — Porque?...

CLARINHA (com força) — Porque eu me lembrei duma coisa que li num livro: ofereci a Nossa Senhora a minha vida em troca da d'ele! Prometi diante do altar, ouviste? que ia preparar-me todo o verão, deixando o mau gênio, e que morria este inverno. Agora estou à espera...

MANUEL JOÃO (rindo a bom rir) — ...Da morte que tu resolveste vir, marcadinha por ti a data certa, o dia, a hora, o local... Oh minha pobre Clara, sempre és muito patetinha!

(Manuel João levanta-se ainda a rir).

CLARINHA (indignada) — Patetinha? Pois foi aceite a minha oferta por Nossa Senhora, fica sabendo! E a maior prova foi o milagre da salvação do Mário, depois de 36 horas em cima do cedro! E a cura da minha madrastra.

MANUEL JOÃO (fazendo-a sentar) — Anda cá, e acalma o teu espirito! Ninguém nega o valor das tuas orações: foram sinceras e Nossa Senhora ouviu-as. Tu eras má para a tua madrastra, Clara, e tinhas remorsos, confessas.

CLARINHA (de cabeça baixa) — É verdade.

MANUEL JOÃO (a sério) — Nós não po-

demos marcar a vida e a morte: é um absurdo: mas essa tua criancice teve uma vantagem, sabes? Caíste em ti, Clarinha, e viste, talvez, que eras injusta. E confessaste a algum padre essa idéia de ofereceres a vida e passares o tempo à espera da morte? (ri).

CLARINHA — O padre da aldeia não gostou da idéia; mas...

MANUEL JOÃO — Em boa hora encontras a tal imagem! Agora é que entendo o que lá escreveste. Deixa-te de pateticas. Vai já abraçar a Tia, a santa D. Beatriz, e toca a pôr-te sã e forte, para melhor agradeceres a Nossa Senhora os benefícios que te tem dado: isso é o que tens a fazer sem demora, ouviste?

CLARINHA (abraçando o comovido) — Vem comigo, Manuel João: sinto-me agora reviver, sabes? (suspira fundo) Tem sido um tal pesadelo!

MANUEL JOÃO (sério) — Mas desde que tu ofereceste a tua vida, Clarinha, tens de estar sempre pronta para morrer de boa vontade, percebes? E enquanto não morres... (ri) saúde e alegria é o que se quer!

A vida de Clarinha era agora bem feliz! Convencera-se da bondade da sua madrastra: e não estava longe de a considerar uma segunda mãe.

Também a educação de Mário era para ela um novo interesse: e só ela o ajudava nas lições do liceu. Com que paciência lhe ensinava o francês, o inglês, princípios de alemão! E os anos iam passando, cheios de felicidade para o rancho nosso conhecido.

Manuel João, acabada a Escola de Guerra, fizera-se aviador, e devia breve partir num «raid» à África Oriental.

Numa linda tarde de Maio, mais uma vez se reuniram primos e primas no velho jardim de Alfama; e depois do chá conversavam animadamente.

CLARINHA — Sabem de quem tive uma engraçadíssima carta?

ANGÉLICA — Adivinhei: da Polly!

CLARINHA (rindo) — Tal qual, Angélica; e não calculam o que eu ri...

Clarinha, tirando do seu saco a carta de Polly, leu:

Escrevo-te da Africa, Clara dear; e observa como meu linguagem está perfeito! Viemos, Papa, Mamma e eu, no ar até Africa: viagem «marvellous»! E Papá ficar longo tempo: dirigir companhia inglesa. Eu era quasi casada com engenheiro inglesa: mas no fim disse não; só quero casar com Neljohn Com ele estou «in love»: não posso aceitar engenheiro inglesa!

TODOS (gritando e rindo) — Oh Manuel João! E você nunca disse nada! Fez «caixinha»! Parece impossivel! O que responde a isto?!

MANUEL JOÃO (tapando os ouvidos e rindo) — Mas eu não sabia nada! Nada, o que se chama nada!

CLARINHA (um pouco irônica) — Mas vais à Africa, não vais?

MARIA AMÉLIA — Sabe-se agora a razão desse entusiasmo!

Clarinha continuando:

Mim ignorar se Neljohn gosta casar com inglesa: mas não poder aceitar outra pessoa que não é Neljohn; isso não era «fair» como diz-se em Inglaterra. Se Neljohn não quer, eu ser nurse de hospitais e gostar imenso

de ser nurse. Escreve, Clara dear, diz o que pensa Neljohn, sim? Tua prima Polly

MANUEL JOÃO (sério) — Dou-lhes a minha palavra de honra que nunca pensei em casar com a Polly, embora a ache um amor!

ZÉCA — Se você já lhe chama amor...

MANUEL JOÃO — Não posso casar... senão com uma certa de quem gosto: e só com ela casarei.

CLARINHA (com lágrimas irreprimíveis nos olhos) — E não dizes quem é essa menina?

MARIA AMÉLIA (despeitada) — As declarações de amor não se fazem em público, Clarinha!

ZÉCA — Nem os pedidos de casamento!

MANUEL JOÃO (levantando-se) — Tenho muita pena de as escandalizar, meninas, mas estou morto por fazer já, aqui mesmo, uma declaração e um pedido de casamento!

ANGÉLICA — Você está doido?!

MANUEL JOÃO (calmo) — Não estou. E como sou maior, ganho a minha vida e sei o que quero...

A CONDESSA (chamando à porta da sala) — Clara! Clarinha!

CLARINHA (correndo) Minha Mãe, vou já!

A CONDESSA (aproximando-se) — Não venhas, minha filha; sou eu que vou aí dar-te uma notícia engraçada. — E a condesa veio sentar-se no meio do grupo. — Imaginem que a nossa D. Beatriz que como sabem, tinha ido a França, acaba de casar com um banqueiro belga! Está felicíssima!

Foi um côro alegre de risos. Quando

acalmaram a condesa voltou-se para Manuel João.

A CONDESSA — E tu quando partes, filho?

MANUEL JOÃO (em pé, beijando a mão da tia) — Minha Tia, dá licença que eu lhe faça uma fala... (hesitando) e um pedido?

A CONDESSA (admirada) — Mas com certeza, Manuel João.

MÁRIO (batendo as palmas) — Eu sei o que é! Eu sei o que é!

CLARINHA (côrada) — Cale-se, menino: o que pode o menino saber?

Mas Mário correu para ela e beijou-a com sofreguidão sem dizer mais nada.

MANUEL JOÃO (comovido) — Minha Tia, bem sabe que vou partir dentro de quinze dias, naturalmente.

A CONDESSA (comovida) — Já...

MANUEL JOÃO (baixo) — Sempre adorei a Clarinha: desde pequenina que pensei que havia de casar com ela... Deixa-me ficar noivo da Clarinha antes de partir?

CLARINHA (côrada) — Mas nada me preguntaste, Manuel João?!

ANGÉLICA (beijando Clarinha) — Quem não percebia que vocês foram felizes um para o outro?

MÁRIO (atirando o boné ao ar) — Vivam os noivos!

A CONDESSA (risonha) — Que posso eu responder que não seja um sim cheio de entusiasmo?

ZÉCA — Coitada da Polly!

E assim se firmou naquela tarde de Maio o noivado feliz de Clarinha e de Manuel João.

FIM

